



A REPRESENTAÇÃO DO PASSADO EM ANATOLE FRANCE: LITERATURA E HISTÓRIA

ALANNA DE JESUS TEIXEIRA*

I.

Neste trabalho, pretendo analisar a representação do passado na obra *Les dieux ont soif* (Os deuses têm sede, 1912) do escritor francês Anatole France (1844-1924). Explorando a obra do escritor, busco o passado que não é apenas o da história da Revolução Francesa e do Terror, mas que combina o presente de France, sua trajetória e o contexto sociocultural e político do início do século XX. Nesse sentido, procuro identificar as marcas temporais e a experiência histórica retratada, que apontam para uma aceleração da percepção do tempo vivido.

Ao pensar a representação do passado que a obra configura, a experiência temporal aparece como um elemento chave para compreender essa representação. Falamos de uma experiência temporal que exprime uma nova forma de se relacionar com o tempo, de vivenciá-lo, demarcando uma nova experiência, característica dos “novos tempos”, do tempo revolucionário, que significa, em última instância, a modernidade. Essa nova experiência está engendradora a uma aceleração do tempo, ou seja, uma alteração da velocidade com a rapidez da sua passagem. A Revolução traz consigo um sentimento de mudança e aceleração muito fortes: são os novos tempos que mudam o regime, os políticos, o calendário, os valores, os costumes, e com isso, a própria forma de encarar o tempo. Os anos dominados pelo Terror (1793-1794), são a marca distintiva desta nova experiência, radicalizada durante aproximadamente um único ano. Um ano que *Les dieux ont soif* apresentará Évariste Gamelin - personagem principal do enredo - como pintor frustrado, enamorado, jurado do Tribunal Revolucionário, algoz de sua família e amigos, e finalmente, sua queda e fim, tal como aqueles a quem condenara. O presente se dilui, pois o futuro agora representa o principal tempo, aquele que deveria ser cultivado, através do presente:

o tempo que se acelera em si mesmo, isto é, a nossa própria história, abrevia os campos da experiência, rouba-lhes sua continuidade, pondo repetidamente em cena

* Graduada em História (UFRGS), Mestranda em História (UFRGS).

mais material desconhecido, de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não-experimentável” (KOSELLECK, 2006: 36).

A obra oferece uma oportunidade de reflexão em torno do período histórico do qual trata, e de como o autor mobiliza essa experiência do passado, evidenciando uma atitude eminentemente política e que está relacionada com o contexto imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial:

A sa manière, selon ses codes propres, sa mise en forme de la fiction combinée à la référence historique, le roman participe de cette révision actuelle du «moment Révolution française» dans l’histoire mondiale. Entendons-nous: il ne s’agit pas de voir dans ces romans des oeuvres contre-révolutionnaires, mais comme des symptômes littéraires de nos interrogations et de nos retours sur les fondations de notre modernité, pour le meilleur et pour le pire (GENGEMBRE, 2010: 374).

A história combina personagens de extração histórica (Robespierre, Marat, Danton, Saint-Just, Brissot) e imaginados, embora representativos de um grupo social ou classe em conflito (nobreza, clero, profissionais liberais, povo/trabalhadores). O cenário: a Paris revolucionária e em constante ebulição, que expôs visualmente ou não os símbolos dos novos e velhos tempos, apontando rupturas e continuidades – marca própria de um período revolucionário como este. A obra retoma com bastante detalhamento esse momento específico da Revolução Francesa, que é dominada pela ala jacobina da Convenção Nacional (entre junho/1793 e julho/1794) após a queda da Gironda.

Les dieux ont soif foi publicado pela editora Calmann-Lévy, e marcou uma nova fase na carreira de Anatole France. O que fez o mestre descer de sua “torre de marfim” foi o conturbado *Affaire Dreyfus* (1894-1906), que dividiu intelectuais e políticos e repercutiu internacionalmente. France posicionou-se a favor do capitão judeu do exército francês Alfred Dreyfus¹ e ficou ao lado do escritor Émile Zola quando este escrevera o incendiário *J’accuse*, tornando-se um dos mais importantes *dreyfusards*. Por trás da controvérsia encarniçada entre *dreyfusards* e *antidreyfusards* existiam discordâncias políticas mais profundas quanto à situação política e social da França naquele momento, sobretudo a respeito dos poderes da Igreja e sua relação com o Estado, o poder do Exército e o antissemitismo. As notícias diárias

¹ Dreyfus foi acusado em 1894 de espionagem para os alemães e então condenado ao degredo na Ilha do Diabo, na Guiana.

e as discórdias entre políticos e intelectuais através dos jornais dão uma ideia “da paixão desencadeada pelo caso Dreyfus” (WINOCK, 2000: 60).

É preciso também levar em consideração que era um momento delicado para a Europa como um todo. As posições políticas radicalizavam-se cada vez mais e a eminência de uma guerra pairava no ar. France não ficou indiferente a tudo isso, daí a radicalização de suas posições, inclusive durante a guerra. No entanto, as oscilações podem ser encaradas como contradições próprias do escritor, mas que fundamentalmente estavam de acordo com os seus mais profundos ideais humanistas. France jamais abandonou seu ceticismo, mesmo quanto ao socialismo e a Revolução Russa, a democracia e a liberdade. Mais cedo ou mais tarde, retirou-se da cena política propriamente dita, para dedicar-se apenas à literatura.

Algumas de suas obras seguiram com um tom mais engajado, sem deixar de se aproximar de sua vida pessoal e de temas universais sobre a condição humana. Contudo, o lançamento de *Les dieux ont soif* faz parte desse contexto específico em que a Terceira República francesa impunha-se e com ela uma reabilitação da ideia de Revolução Francesa. O romance sobre o Terror suscitou certo desapontamento e irritação entre os seus pares, consternados com uma visão tão claramente antijacobina por parte de um notável anticlerical como France².

II.

As experiências vividas por Évariste Gamelin no romance representam as principais características desse período, através da rapidez de sua ascensão, radicalização e queda. A história inicia em maio de 1793 em meio à guerra nas fronteiras contra as potências estrangeiras, o começo da guerra na Vendéia e a criação do Comitê de Salvação Pública. Ao longo de toda a história, o leitor é confrontado com as mudanças e as permanências geradas pela Revolução e o período do Terror. Évariste, antes da Revolução, era um pintor que seguia os parâmetros artísticos do Antigo Regime, mas que então adere ao novo estilo e se torna discípulo do pintor das causas revolucionárias, Louis David, pintando cenas relacionadas à situação política e aos novos valores revolucionários. Duas fortes convicções acompanharão

² France demonstrou todo o seu ceticismo rompendo com uma “tradicional veneração de uma República que nunca lograra vencer por completo o seu complexo em relação ao período jacobino, à ditadura sangrenta do Terror e à guilhotina como mácula na origem mesma da democracia francesa, mácula que os governantes pós-1870 tentaram exorcismar apresentando o regime terrorista sans-culotte como um parêntese horrível, mas necessário de “salvação pública”, ainda que procurassem vencer esses demônios fundadores do republicanismo apresentando uma versão pacificada (MEDINA, 2005: 28).

Évariste até o momento de sua morte: a) a necessidade de ser implacável com aqueles que estão contra a Revolução (eliminando os que não fazem parte da comunidade de cidadãos e que ameaçam a França) e b) confiar a salvação da pátria em perigo ao mais virtuoso dos patriotas (num verdadeiro culto à personalidade). Além disso, podemos notar as mudanças de opinião do personagem apontadas por sua velha mãe, pois seu filho frequentara diversos clubes políticos, e flertara com as variadas correntes da época, dando-lhes as costas assim que se enamorava de uma nova. A viúva Gamelin representa muito bem o povo de Paris, ou seja, aqueles que sofriam a fome e batalhavam no dia-a-dia por seu pão, que tinham boas lembranças do Antigo Regime e que são portadoras de uma certa sabedoria: viveram sob a monarquia e agora experimentavam uma nova experiência, a ruptura trazida pela Revolução e o princípio de uma República. A adaptação aos novos tempos não lhes seria fácil.

Évariste se torna membro da seção do *Pont-Neuf* de Paris, do Comitê Militar e do Conselho Geral da Comuna. É preciso lembrar que este período histórico específico da Revolução Francesa sob o domínio do governo revolucionário foi bastante curto, mas responsável por encaminhar as medidas para instauração do Terror. Será no Tribunal Revolucionário, responsável por julgar os crimes contra a Revolução, que Évariste Gamelin exercerá atividade de jurado, participando dos julgamentos que, na maioria dos casos, consideravam os acusados culpados por seus supostos crimes.

Outro importante personagem que saberá adaptar-se à nova realidade e dela tirar o máximo proveito é Jean Blaise, comerciante de estampas e dono da loja *l'Amour Peintre*. Évariste, não podendo se sustentar com a pintura de seus quadros, fabricava outros trabalhos de pintura e tentava vender aos comerciantes. Ia ao Amor Pintor com seus trabalhos e lá encontrava aquela que seria sua amada, Élodie Blaise, filha de Jean Blaise. Em uma de suas tentativas, Évariste vai ao Amor Pintor com a intenção de vender o baralho revolucionário que acabara de pintar, “no qual reis, damas e valetes são substituídos por Liberdades, Igualdades e Fraternidades” (FRANCE, 2007: 41)³. Mas Blaise não aceita seu baralho. Atento ao capricho das massas, o comerciante assinala que as pessoas já estão cansadas da Revolução:

- *Permiti-me dar-vos um conselho, cidadão pintor: se quereis ganhar a vida, abandonai vossas cartas patrióticas, abandonai vossos símbolos revolucionários, vossos Hércules, vossas hidras, vossas Fúrias perseguindo o Crime, vossos gênios*

³ As citações em português da obra serão reproduzidas da edição brasileira: FRANCE, Anatole. **Os deuses têm sede**. Tradução Daniela Jinkings e Cristina Murachco. São Paulo: Boitempo, 2007. Para consulta, utilizamos a edição francesa: FRANCE, Anatole. **Les dieux ont soif**. Paris: Gallimard, 1989.

da Liberdade, e pintai belas mulheres. O ardor dos cidadãos para se regenerar amorna com o tempo e os homens sempre amarão as mulheres. Faça-me mulheres rosadas, com pequenos pés e pequenas mãos. E ponha em vossa cabeça que ninguém mais está interessado na Revolução e que não se quer mais ouvir falar disso. [...] Estais sonhando; eu vivo a vida. Acredítai, meu amigo, a Revolução aborrece: está durando demais (FRANCE, 2007: 42-43).

E através da sequência da fala de Jean Blaise abaixo, temos uma expressiva descrição dos acontecimentos da Revolução vista pelo comerciante de estampas de Paris:

- [...] Cinco anos de entusiasmo. Cinco anos de abraços, de massacres, de discursos, de Marselhesa, de rebates, de aristocratas enforcados, de cabeças carregadas em lanças, de mulheres a cavalo sobre canhões, de árvores da Liberdade enfeitadas com barretes vermelhos, de moças e de velhos de vestidos brancos, puxados em carros enfeitados de flores; de prisões, de guilhotina, de racionamentos, de cartazes, de distintivos, de penachos, de sabres, de carmanholas, é muito tempo! E, além disso, começamos a não entender mais nada. Vimos demais esses grandes cidadãos que só levastes ao Capitólio para depois lançá-los da rocha Tarpéia: Necker, Mirabeau, La Fayette, Bailly, Pétion, Manuel e tantos outros. Quem garante que não estão preparando o mesmo destino para seus novos heróis? ... Ninguém sabe mais nada (FRANCE, 2007: 43).

Essa certamente foi a visão de muitas pessoas que observaram os acontecimentos a uma certa distância. A virada à esquerda no ano de 1793, sobretudo após a expulsão dos políticos girondinos da Convenção e a consequente radicalização, mostra que a Revolução parecia mudar completamente o rumo não apenas da nação, mas do cotidiano das pessoas. Os que em 1789 haviam se abraçado em comemoração à vitória dos direitos do homem, em 1793 denunciavam uns aos outros como suspeitos. Assim podemos perceber como as mudanças e a aceleração do tempo ficaram mais e mais presentes no cotidiano da população.

Reinhart Koselleck observa em seu livro *Futuro Passado*, a transformação na forma de percepção do tempo, particularmente a partir da experiência revolucionária, tomando como exemplo um dos discursos de Robespierre:

[...] a transformação da estrutura temporal, nesse período, é o nosso tema aqui. Em 10 de maio de 1793, em seu famoso discurso sobre a Constituição revolucionária, Robespierre declara: “É chegada a hora de conclamar cada um para seu verdadeiro destino. O progresso da razão humana preparou esta grande Revolução, e vós sois aqueles sobre os quais recai o especial dever de acelerá-la.” A providencial fraseologia de Robespierre não é capaz de dissimular que o horizonte de expectativa alterou-se em relação à situação inicial. [...] Para Robespierre, a aceleração do tempo é uma tarefa do homem, que deverá introduzir os tempos da liberdade e da felicidade, o futuro dourado (KOSELLECK, 2006: 25).

Em outro trabalho, investigando a abreviação do tempo, aceleração e secularização e sua afinidade com o surgimento da modernidade, Koselleck (2003) aponta que com o Iluminismo, o futuro deveria necessariamente trazer um tempo de felicidade e liberdade por intermédio da ação humana, que aceleraria esse tempo. Apenas o homem poderia impor essa aceleração, que transforma a sociedade e a liberta de toda a forma de dominação. O caráter inovador da experiência revolucionária francesa é justamente a prática dessa aceleração de forma visível na história⁴, que se tornou a proposição da experiência histórica da modernidade (KOSELLECK, 2003: 64).

A tarefa de acelerar o tempo e nele instaurar os tempos da liberdade e da felicidade comunitária será perseguida pelo jovem Évariste que, embevecido dos discursos do Inocorrível, mergulhará nas abstrações aludidas por Robespierre em seus discursos, e demonstrará, através de suas atitudes, um verdadeiro fanatismo por tais princípios, como assinalam vários críticos de *Les dieux ont soif*:

Sans doute Gamelin présente-t-il dès lors les caractères du fanatique : il a toujours adhéré aux principes extrêmes de la Révolution, principes devenus de plus en plus radicaux et s'incarnant en des personnalités différentes ; il est puritan en art comme en amour ; vertueux lui-même, il professe envers les autres la même exigence de rigidité qu'envers lui (BANCQUART, 1989: 25).

Esse fanatismo, essa adesão cega àquilo que consideravam como “princípios revolucionários” (na verdade jacobinos), parte também do reconhecimento de que, diferentemente do Antigo Regime - esse tempo da ignorância em que o homem comum, o povo, não passavam de expectadores da história - a Revolução colocara em cena outros personagens, novos homens, e que todos, inclusive Évariste, um pequeno e jovem pintor, poderiam interferir em seu curso. Contudo, Évariste deveria afastar-se da humanidade, desviar-se do curso natural de sua própria vida, para construir a história, o futuro. Isso porque participar do processo de ruptura com o Antigo Regime o exigia, era preciso cortar toda a vinculação com aquele passado, e enfrentar todas as oposições e hesitações. A felicidade nasceria no momento em que estes homens revolucionários estivessem, por fim, inscritos no passado.

⁴ Koselleck aponta que diversos contemporâneos da Revolução notaram essa abreviação do tempo - que irrompia mesmo antes da década revolucionária - a partir da sucessão dos acontecimentos, especialmente pela modificação constitucional e estatal em apenas um decênio: “Como anotó una vez Niebuhr en una mirada retrospectiva a la Revolución Francesa, ya la historia europea en su conjunto ha transcurrido, desde el último tercio del siglo XVIII, más deprisa. Esta percepción subjetiva no se refería sólo al acontecer político, sino al último acto de la época preindustrial” (KOSELLECK, 2003: 65).

Próximo aos Gamelin, morava um dos personagens mais curiosos dessa história, Maurice Brotteaux des Ilettes, *ci-devant*, coletor de impostos no Antigo Regime, que perdera tudo com a Revolução, e passara a ganhar a vida pintando retratos e fabricando marionetes para vender. Descrito pelo narrador como sibarita e ateu, carregava sempre consigo um volume de Lucrécio. Entre Brotteaux e Évariste serão travados os principais diálogos da obra, em que Brotteaux encarnará as principais opiniões de Anatole France⁵. No capítulo VI temos uma cena marcante em que Évariste e Brotteaux permanecem algum tempo em uma fila na frente da porta do padeiro, vigiada por guardas nacionais. “A Convenção Nacional decretara o *maximum*: imediatamente desapareceram grãos e farinha. Como os israelitas no deserto, os parisienses levantavam antes do nascer do sol, se quisessem comer” (FRANCE, 2007: 61). “Naquela fila, as pessoas sufocavam, pensavam que iam morrer, faziam zombarias e propostas licenciosas, insultavam os aristocratas e os federalistas, autores de todo o mal” (FRANCE, 2007: 62). Ali aguardando, os dois personagens presenciam uma curiosa cena: uma jovem achava que sua bolsa havia sido roubada. Um padre, próximo aos dois, é então rapidamente acusado por todos e já estava próximo de ser linchado, pois aquelas pessoas “teriam queimado de bom grado o Château de Versailles, mas [...] se sentiriam desonrados se tivessem roubado um alfinete” (FRANCE, 2007: 66). Brotteaux atestou a inocência do padre, que estivera todo o tempo na sua frente na fila, não podia tê-la roubado; e Évariste saiu em defesa de Brotteaux, que já estava sendo ameaçado. A situação se agravaria, mas a jovem encontrara então sua bolsa, sendo imediatamente “coberta de vaias e ameaçada de ser espancada em público, como uma freira” (FRANCE, 2007: 66).

Nesta cena notamos todo o desprezo e uma “sede” punitiva que o povo poderia dedicar aos seus antigos opressores. No período do Terror, ao mesmo tempo em que houve uma certa campanha de descristianização, estavam em jogo novos valores. Logo, tudo aquilo que fosse relacionado ao “antigo” era motivo de suspeita, e nesse caso, o alvo foi o religioso Louis de Longuemare, clérigo da ordem dos Barnabitas. Padre Longuemare fazia parte dos padres não juramentados, e teve de deixar seu convento, que se tornara sede da seção do *Pont-Neuf*. Comentando sobre o caso que acabaram de presenciar, os personagens mostram seus pontos de vista sobre questões mais penetrantes:

⁵ Vários autores mencionam o fato de Brotteaux ser o “porta-voz” de France na obra. Cf. MEDINA, 2002: 28, e DURANT, 1964: 56.

- Cidadão Brotteaux – disse Gamelin -, admirai esse povo bom, mais faminto de justiça que de pão: todos aqui estavam prontos a abandonar seu lugar para castigar o ladrão. Esses homens, essas mulheres tão pobres, submetidos a tantas privações, são de uma probidade severa e não podem tolerar um ato desonesto. [...] A virtude é natural no homem: Deus depositou seu germe no coração dos mortais.

O velho Brotteaux era ateu e tirava de seu ateísmo uma fonte abundante de deleite.

- Vejo, cidadão Gamelin, que, embora revolucionário no que tange à terra, sois conservador e até mesmo reacionário, no que tange ao céu. Robespierre e Marat o são tanto quanto vós. E acho singular que os franceses, que não toleram mais um rei mortal, se obstinem a manter um imortal, muito mais tirânico e feroz. Pois o que é a Bastilha e até mesmo a câmara ardente, perto do inferno? A humanidade copia seus deuses segundo seus tiranos, e vós, que rejeitais o original, mantendes a cópia!

- Oh! Cidadão! – exclamou Gamelin. – [...] A crença em um Deus bom é necessária à moral. O Ser Supremo é a fonte de todas as virtudes, e ninguém é republicano se não acreditar em Deus. Robespierre sabia disso muito bem quando retirou da sala dos jacobinos o busto do filósofo Helvétius, culpado de ter induzido os franceses à servidão, ao ensinar-lhes o ateísmo... Espero, pelo menos, cidadão Brotteaux, que, quando a República tiver instituído o culto à Razão, não ireis recusar a adesão a uma religião tão sábia.

- Tenho amor pela razão, e não fanatismo por ela – respondeu Brotteaux. – A razão nos guia e nos ilumina; quando a transformardes em divindade, ela vos cegará e vos convencerá a perpetrar crimes (FRANCE, 2007: 67-68).

Com outros quatorze colegas, Évariste participa de seu primeiro julgamento como jurado, e reconhece a maioria dos membros, “gente simples, honesta e patriota, eruditos, artistas ou artesãos: um pintor, como ele, um desenhista, ambos cheios de talento, um cirurgião, um sapateiro, [...] uma amostra enfim do povo” (FRANCE, 2007: 120-121). O réu era acusado de “dilapidação na forragem da República. O ato da acusação culpava-o de fatos numerosos e graves, dos quais nenhum era absolutamente certo” (FRANCE, 2007: 121). Apesar da predisposição dos jurados à condenação, em seu primeiro julgamento Évariste votou pela inocência do acusado, que assim foi absolvido:

No pátio do Palais, iluminado pelos últimos raios do sol, uma multidão barulhenta agitava-se. As quatro seções do Tribunal haviam pronunciado, na véspera, trinta condenações à morte e, nos degraus da grande escadaria, tricoteiras agachadas esperavam pela saída das charretes. Mas Gamelin, descendo os degraus no fluxo de jurados e espectadores, nada via, nada ouvia além de seu ato de justiça e de humanidade e os louvores que prestava a si mesmo por ter reconhecido a inocência (FRANCE, 2007: 123).

A narração do cenário da sessão do Tribunal é rica em detalhes: os juízes em suas vestes com distintivos revolucionários, o acusador público em sua austeridade, os jurados em sua diversidade, as mulheres que enchiam as tribunas, a tábua dos Direitos do Homem acima de

todos, os bustos dos mártires. Essas marcas realçam o entrosamento dos símbolos dos novos e velhos tempos, em um único local.

No dia 5 de outubro de 1793 ocorre a instauração do calendário revolucionário, que tomará os elementos da natureza na modificação dos nomes dos meses. Mais uma alteração no cotidiano de toda a nação que marcará durante algum tempo as intervenções da Revolução no dia a dia. Sabemos que ela atingiu a população em maior ou menor grau. Paris foi o centro desse espetáculo, onde ocorreram os maiores tumultos e onde as mudanças foram sentidas mais de perto, atingindo principalmente o abastecimento. Esse aspecto e a adoção do calendário também foram representados em *Les dieux ont soif*. A mudança dos hábitos pôde ser observada nas vestes, na linguagem, nas opiniões emitidas. Mas no interior das casas, muitas pessoas seguiam a vida de antes, com suas rotinas.

A partir do segundo julgamento a conduta de Évariste se torna mais severa. O acusado era um general vencido, e todos os fatos envolvidos pareciam obscuros, tornando difícil a tomada de uma decisão. Apesar disso, manifesta-se pela acusação. Julgar um general derrotado ou uma pobre mulher que gritara na rua “Viva o rei!” não fazia diferença para o Tribunal. Ambos eram considerados crimes contra a nação, contra a própria Revolução:

O Tribunal Revolucionário fazia a igualdade triunfar ao mostrar-se tão severo com os carregadores e as criadas quanto com os aristocratas e os banqueiros. Gamelin não concebia que pudesse ser de outro modo em um regime popular. Teria julgado desprezível, insolente para com o povo, excluí-lo do suplício. Teria sido considerá-lo, por assim dizer, como que indigno do castigo. Reservada exclusivamente aos aristocratas, a guilhotina teria lhe parecido, um privilégio iníquo. Gamelin começava a desenvolver uma idéia religiosa e mística sobre o castigo, a atribuir-lhe uma virtude, méritos próprios. Pensava que a pena era devida aos criminosos e que, frustrá-la, seria um prejuízo para eles (FRANCE, 2007: 133).

O fanatismo de Évariste se acentua quando as “virtudes” que considera obrigatórias a todos os cidadãos se tornam amarras que impedem a coexistência entre os diferentes. O triunfo da soberania do povo também significou sua tirania, representados por aqueles que tinham ligação direta com o governo revolucionário. Évariste também era membro do Clube dos Jacobinos. Sabemos a grande influência deste círculo político no desenvolvimento do curso revolucionário. Passou de uma sociedade de debate político para “uma milícia que encontrou um chefe e que, por seu intermédio, servia à Revolução. [...] Constituíram um exército de cem a duzentos mil militantes, instrumento fundamental da centralização [...] do poder revolucionário” (FURET; OZOUF, 1989: 767-768).

Quanto aos julgamentos, sabemos que a imparcialidade com que os jurados deveriam julgar os acusados estava muito longe de suas atitudes, a despeito do que alguns afirmavam. Em Évariste, as idéias políticas, sociais e econômicas eram determinadas por sua “moral jacobina”. No Tribunal, a apresentação de provas não era necessária para se chegar a um veredicto. Com a aprovação da lei dos suspeitos, em 17 de setembro de 1793, estava cada vez mais fácil infringir as leis e ser denunciado. Inclusive a emigração “tornou-se passível de julgamento, sem direito a recurso ou cassação, levando a condenação à morte e execução em 24 horas” (VOVELLE, 2012: 107). O chamado “Grande Terror” foi o ponto alto das execuções, com a ampliação da ditadura do Comitê sob a direção Robespierre, em abril de 1794, após a condenação de Danton e os chamados “indulgentes”. A aprovação da Lei de Prairial teve como objetivo apressar os procedimentos judiciais, suprimindo o interrogatório e a oitiva de testemunhas. Além disso, vemos que a ditadura pessoal de Robespierre acentuou-se nos meses que precederam sua queda em 9 Termidor, “quando já mais nada ameaçava a Revolução no interior, e quando os exércitos da República passaram à ofensiva nas fronteiras. A lei do mês de prairial e o “Grande Terror” haviam perdido qualquer aparência de relação com a salvação pública” (FURET; OZOUF, 1989: 153).

A aplicação da nova lei facilitava o processo judiciário, deixando mais confortáveis os jurados em sua tarefa. Neste momento, qualquer fragmento de humanidade deixou o Tribunal:

*A maioria de seus colegas tinha os mesmos sentimentos. Eram acima de tudo homens simples; e, quando as formas foram simplificadas, sentiram-se à vontade. A justiça abreviada satisfazia-os. Nada mais os atrapalhava em sua **marcha acelerada**. Informavam-se apenas acerca da opinião dos acusados, não concebendo que fosse possível, sem maldade, pensar de forma diferente da sua. Como acreditavam possuir a verdade, a sabedoria, o bem soberano, atribuíam a seus adversários o erro e o mal. Sentiam-se fortes: *viam Deus* (FRANCE, 2007:198, grifos nossos).*

E assim Évariste foi capaz de julgar, levado unicamente por suas paixões, um homem inocente por achar que se tratava de um antigo namorado de sua amada. Conforme seus princípios, seria inadmissível qualquer tolerância, mesmo para com sua família e amigos, seguindo com suas convicções durante todos os seus julgamentos, dentro e fora do Tribunal. Desolou sua mãe e sua irmã Julie ao negar-lhes auxílio. Consequentemente, não seria difícil para Évariste condenar seus próprios amigos quando estes foram denunciados e colocados à sua frente, em um julgamento coletivo, no Tribunal.

Após as execuções, France nos mostra os últimos momentos de Évariste, que foram também os últimos da República jacobina e seu líder, Robespierre. Os pensamentos do personagem demonstram mais uma vez quão desumano se tornava na busca da felicidade comum através da salvação da nação. Meditava como se fizesse uma prece:

“Ó terror salutar, ó santo terror! No ano passado, nesta mesma época, tínhamos como defensores vencidos heróicos em farrapos; o solo da pátria estava invadido, dois terços dos departamentos insurretos. Hoje, nossos exércitos bem equipados, bem instruídos, comandados por generais habilidosos, tomam a ofensiva, prontos para levar a liberdade ao mundo. A paz reina em todo o território da República... Ó terror salutar! Ó santo terror! Amável guilhotina! No ano passado, nesta mesma época, a República estava dilacerada em facções; a hidra do federalismo ameaçava devorá-la. Agora, a unidade jacobina estende sobre o império sua força e sua sabedoria...” (FRANCE, 2007: 211-212).

Évariste vai além de seu próprio mestre ao pensar que não deveria haver tolerância com aqueles que ameaçavam de qualquer forma a República, todos pagariam por seus crimes contra a nação. Era preciso agir imediatamente pois já eram visíveis as conspirações dentro da própria Convenção contra Robespierre. Évariste considerava-o culpado por não deter os complôs:

*“[...] Tu dormes, Robespierre, enquanto criminosos ébrios de furor e de medo meditam tua morte e os funerais da Liberdade. Couthon, Saint-Just, por que demoras para denunciar os complôs?
“Como! O antigo Estado, o monstro real garantia seu império prendendo todo ano quatrocentos mil homens, enforcando quinze mil e supliciando três mil, e a República ainda hesitaria em sacrificar centenas de cabeças para a sua segurança e seu poder? Afoguem-nos em sangue e salvemos a pátria...” (FRANCE, 2007: 213, grifos nossos).*

Neste momento Évariste sabe que a queda é iminente, a despeito de todo o seu ardor (revolucionário?). Sentindo-se só entre seus compatriotas, compreende o que Jean Blaise afirmava outrora. As pessoas estavam cansadas da Revolução, das mortes, da guilhotina. E assim, não haveria como evitar a queda dos jacobinos. Se sente como um estrangeiro, como estivesse apenas de passagem. Não compartilharia o futuro que estava sendo construído por ele, no seu presente.

No dia 8 Termidor, à noite, no Clube dos Jacobinos, em meio a seus apoiadores, Robespierre pronuncia seu último discurso na Convenção. No dia seguinte, com a notícia da proscrição de Robespierre e seus partidários, Évariste recebeu uma ordem vinda da Comuna para ir à Prefeitura e tomar assento no Conselho Geral. Não deu ouvidos à Élodie, que

revelara o complô em que seu próprio pai estava envolvido. Enquanto os jacobinos proscritos e seus apoiadores estão na Comuna, do lado de fora os canhões estavam em posição de tiro. Os membros da Comuna foram postos fora da lei pela Convenção, e com eles os membros do Conselho Geral e aqueles que os assistem, esvaziando a sala. Enquanto isso, a famosa tempestade desaba sob a cabeça dos franceses, despovoando as ruas. Logo as tropas da Convenção adentrariam a Prefeitura e avançariam sobre os jacobinos. Um último gesto de desespero foi dado por Évariste, e parece ter sido dado também por Robespierre e muitos outros. Mesmo ferido, consegue ouvir o anúncio da derrota dos jacobinos: “ - O tirano não existe mais; seus satélites estão rompidos. A Revolução retomará seu curso majestoso e terrível” (FRANCE, 2007: 224). Os médicos da Convenção trataram dos feridos, pois era preciso ter certeza de que nenhum dos condenados escapasse à guilhotina. Avistando-a com lágrimas nos olhos, Évariste devaneou uma última vez:

*- “Morro de forma justa – pensou. – É justo que recebamos esses ultrajes lançados à República e dos quais deveríamos tê-la defendido. Fomos fracos; tornamo-nos culpados de indulgência. **Traímos a República. Merecemos nosso destino.** O próprio Robespierre, o puro, o santo, pecou por brandura, por mansuetude; seus erros foram apagados por seu martírio. Como ele, eu traí a República; ela está perecendo: é justo que eu morra com ela. Poupei sangue: que meu sangue corra! **Que eu pereça! Mereci este destino...**” (FRANCE, 2007: 227, grifos nossos).*

Paris entrou em clima de festa com a queda dos jacobinos. A partir de agora eles eram cunhados de ‘sanguinários’, ‘terroristas’, e o seu discurso sobre a virtude do povo, esquecido. A *Rue Saint Honoré*, a *via dolorosa* - caminho da *Conciergerie* até o local onde a guilhotina estava instalada – explode em comemoração, enquanto “uma atmosfera de feriado nacional” tomou conta dos parisienses (LOOMIS, 1965: 380) quando os responsáveis pelo Terror deixaram de existir. Com a queda de Robespierre e o fim do Terror, novas mudanças e um novo curso para a Revolução tomaram caminho, tornando todos os símbolos daquele período sanguinário motivo de escárnio. Agora, Jean Blaise vendia no Amor Pintor estampas mostrando Robespierre espremendo um coração dentro de uma taça, ou temas militares, enquanto os bustos de Marat eram destruídos pela cidade. De agora em diante, os franceses tentariam esquecer aquilo que ficou conhecido como Terror.

III.

Anatole France escreveu *Les dieux ont soif* quando uma nova República já estava estabelecida na França, a partir de 1870, após as experiências revolucionárias e restauradoras do século XIX. Durante todo esse período a Revolução foi amplamente debatida e sua herança postulada pelos novos grupos políticos, especialmente os republicanos. Toda a década revolucionária (1789-1799), desde seu início, causas e consequências foram retomadas, e a questão do Terror, essa radicalização, teve de ser explicada ou compreendida por seus estudiosos. Os fundadores da IIIª República que reclamavam a herança revolucionária e buscavam nela uma origem para o novo regime, acabaram de alguma forma suavizando ou reduzindo o papel do Terror em um processo revolucionário que, de forma global, trouxera benefícios em interesse não só ao povo francês. Jean Jaurès, famoso socialista e amigo de Anatole France, escreveu uma *História Socialista da Revolução Francesa* legitimando o Terror como única forma de garantir a unidade da Revolução, embora fosse um meio detestável (FURET; OZOUF, 1989: 996).

Marie-Claire Bancquart, uma das maiores especialistas na vida e obra de Anatole France, observa essas diferentes posições com relação a herança da Revolução e procura inserir o escritor na discussão:

*La perspective n'était pas la même pour les partisans de la IIIe République, qui, depuis sa fondation, se réclamaient directement de l'héritage révolutionnaire. Pendant l'affaire Dreyfus, cet héritage avait été plus encore revendiqué, puisque les royalistes avaient tenté de prendre le pouvoir. On avait de la Révolution une vision en noir ou en blanc. Pour les uns, nostalgiques de l'Ancien Régime comme Taine, elle avait été initialement une erreur, et avait produit de véritables monstres pendant la Terreur. Pour les autres, elle avait été fondamentalement bonne, et les excès commis devaient être imputés aux nécessités de la défense nationale [...]. Qu'ils déplorent ces excès tout en les expliquant [...] la Révolution était toujours présentée globalement comme bienfaisante par les républicains. [...] Quand en 1912 on fête officiellement le bicentenaire de Rousseau, inspirateur des idées révolutionnaires, c'est dans cet esprit d'admiration généralisée. Une fois de plus, Anatole France, en écrivant *Les dieux ont soif*, s'est placé dans une position inconfortable parce qu'elle était «non conforme»: il se refusait à faire l'amalgame de tous les moments de la Révolution. [...] En fait, il posait une question qui se pose toujours: comment une société qui a perdu l'idée de la divinité peut-elle prétendre trouver une certitude, sans tomber dans le culte aberrant d'un homme, d'une idéologie? (BANCQUART, 1994: 93-94, grifos nossos).*

Através da análise de *Les dieux ont soif*, observamos a postura francesa quanto ao período histórico retratado na obra. Apesar da posição das correntes políticas que justificavam o Terror como um desvio ou um mal necessário no processo revolucionário, France demonstrará em seu romance justamente essa face da Revolução, que não poderia ser explicada apenas pela retórica dos revolucionários. Para a perspectiva humanista de France,

os crimes de um regime ou governo que exceda seus poderes e demonstre intolerância e violência, serão indefensáveis - independente da ideologia que as justifique. Dessa forma, não seria possível ao escritor glorificar a Revolução, esquecendo sua faceta terrorista. Podemos considerar o seu livro como uma forma de garantir alguma reflexão em torno desse momento específico, para que fosse lembrado do que são capazes os regimes autoritários.

Por fim, entendemos, através do estudo da obra de Anatole France, que a literatura é capaz de produzir e vincular conhecimento sobre o mundo, permitindo um acesso voltado a zonas obscuras da história, como *Les dieux ont soif* demonstra de forma peculiar. Logo, seu alcance seria de proporcionar uma inteligibilidade à experiência humana, algo que toca os limites do conhecimento histórico - já que a literatura ultrapassaria as fronteiras do conhecimento do possível. História e literatura não disputam a primazia de representação da realidade - embora tenham elementos em comum em suas narrativas – e não se confundem. Mantêm diferentes recursos e liberdades e podem trabalhar em conjunto em benefício do conhecimento que temos acerca do passado e de nosso próprio presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milene Suzano. Anatole France no divã. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 6, p. 84-89, 2011.

AXELRAD, Jacob. **Anatole France: uma vida sem ilusões**. São Paulo: Assunção. 1946.

BANCQUART, Marie-Claire. Préface. In: FRANCE, Anatole. **Les dieux ont soif**. Paris: Gallimard, 1989, p. 7-37.

BANCQUART, Marie-Claire. Anatole France et Paris. **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, n. 42, p. 77-91, 1990.

BANCQUART, Marie-Claire. **Anatole France**. Paris: Julliard, 1994.

BRAUDEL, Fernand. Anatole France e a História. **Revista de História**, São Paulo, n. 146, p. 35-45, 2002.

COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DURANT, Will. **Anatole France: O homem e sua obra**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964.

FRANCE, Anatole. Les torts de l'histoire. In: **La vie littéraire**. 2e sér. Paris: Calmann-Lévy [19--].

FRANCE, Anatole. **Les dieux ont soif**. Paris: Gallimard, 1989.

FRANCE, Anatole. **Os deuses têm sede**. Tradução Daniela Jinkings e Cristina Murachco. São Paulo: Boitempo, 2007.

FURET, François; OZOUF, Mona. **Dicionário Crítico da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GENGEMBRE, Gérard. Le roman historique: mensonge historique ou vérité romanesque? **Études**, Paris, tome 413, p. 367-377, 2010.

HARTOG, François. Du côté des écrivains: les temps du roman. In: **Croire em l'histoire**. Paris: Flammarion, 2013. p. 163-224.

KOSELLECK, Reinhart. **Aceleración, prognosis y secularización**. Valencia: Pre-Textos, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

LOOMIS, Stanley. **Paris sob o Terror: 1793-1794**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MEDINA, João. Estética e terror: o romance "Os deuses têm sede" de Anatole France. In: COLÓQUIO LITERATURA E HISTÓRIA: PARA UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR, 1., 2005, Lisboa. **Actas**. Lisboa: Universidade Aberta, 2005. p. 27-42.

RICOEUR, Paul. A representação historiadora. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007. p. 247-296.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: A tríplice *mimesis*. In: **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. vol. 1. p. 93-147.

RICOEUR, Paul. A experiência temporal fictícia. In: **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b. vol. 2. p. 173-265.

RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. In: **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010c. vol. 3. p. 310-328.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa 1789-1799**. São Paulo: UNESP, 2013.

WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.